

OS PROFESSORES DESTE SÉCULO. ALGUMAS REFLEXÕES

PROFESSORS OF THIS CENTURY. SOME REFLECTIONS

JOSÉ MANUEL RUIZ CALLEJA*

RESUMO

Aborda-se neste trabalho uma análise aplicando teorias pedagógicas e didáticas atuais sobre as funções do professorado, que reflete algumas características essenciais da sua atuação e algumas alternativas de solução de problemas detectados neste contexto. Partindo de considerações gerais sobre a função profissional do professorado, além disso são tratados alguns aspectos fundamentais das suas relações com os alunos no processo de ensino-aprendizagem em termos de sugestões gerais para o comportamento de professores e professoras, nas que se argumentam as possibilidades práticas de aplicação. Implícita na caracterização aprecia-se uma visão analítica do processo de formação escolar e do importante rol da didática, baseado num modelo teórico que atinge particularmente ao mesmo.

Palavras chave: Professores; Pedagogia; Didática; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

In this paper an analysis based on innovative pedagogy and didactics theories is carried out. It refers about the functions of the teachers and underlies some essential characteristics in their actuations as well as some solutions and alternatives to solve the problems detected in this context. Based in general considerations about the professional function of the teachers some fundamental aspects are considered in relation to the pupils in the learning-teaching process providing some general suggestions for their actuation. This way, some practical possibilities are explained. During the characterization, an analytical vision of the scholarship formation process is presented including also the importance of the didactics based in a theoretical model provided.

Keywords: Teachers; Pedagogy; Didactic; Learning-teaching process.

As definições de educação, dadas por diversos autores, embora possam parecer diferentes, geralmente têm muitos pontos em comum, especialmente colocam o indivíduo como sujeito no centro da atividade e caracterizam a educação como um processo de influência sobre as pessoas que conduz a sua transformação e as capacita para interagir com o meio.

A educação é a ação que desenvolvemos sobre as pessoas que formam a sociedade, com o fim de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz, que lhes permita formar um valor dos conteúdos adquiridos, significando-os em vínculo direto com seu cotidiano, para atuar conseqüente-

mente a partir do processo educativo assimilado.

Atendendo às necessidades sociais que a educação e a escola devem satisfazer dentro deste processo, podemos dizer que o professorado tem um importante papel, educa através da instrução, em cada matéria ou disciplina e no conjunto das ações da escola. Um professor-educador deve compreender que uma pessoa instruída não é necessariamente uma pessoa educada.

Ser professor é educar para a vida e isto implica muito mais que um simples ato de transmitir uma informação. Assim foi expresso o assunto pelo cubano José Martí (MARTÍ, 1975): Instrução não é o

* Profesor Titular e Investigador del Centro de Estudios de Ciencias de la Educación, Universidad de Pinar del Río, Cuba. e-mail: joseruiz@vrect.upr.edu.cu ruizcalleja@yahoo.es
Fecha de recibido: Diciembre 20, 2007 Fecha de aprobación: Abril 8, 2008

mesmo que educação: a primeira refere-se ao pensamento, a segunda, principalmente aos sentimentos. Embora não exista boa educação sem instrução. As qualidades morais aumentam de preço quando são realçadas pelas qualidades inteligentes.

A influência educativa escolar em qualquer sociedade é muito significativa. Isto explica a grande responsabilidade dos professores e das instituições educativas escolares diante da sociedade. Nesta análise, a Pedagogia e os pedagogos têm uma importância essencial, independentemente da velha discussão sob o caráter de ciência da pedagogia, nós aceitamos a existência de um sistema teórico de conceitos, categorias e princípios que caracterizam sua base epistemológica própria dentro das denominadas como ciências da educação.

O processo formativo escolar é propriamente um processo educativo no qual o trabalho dos professores com os alunos lhe confere um caráter docente, e assim que pode considerá-se como docente-educativo. Este processo é diferente aos processos educativos não escolares desenvolvidos por outras instituições sociais, como a família, a mídia, etc., que tem um caráter mais espontâneo. O processo docente-educativo tem um caráter sistêmico e organizado com o fim de alcançar sua eficiência, fundamentado numa concepção pedagógica geral, sobre uma base didática e desenvolvido por pessoas especializadas como são os professores.

Em relação à didática também tem existido historicamente argumentos contrários na sua consideração como ciência. Aceitar que a experiência docente e os conhecimentos científicos e técnicos dos professores determinam de maneira absoluta a qualidade e resultados dos processos de ensino-aprendizagem, além de desestimar o sujeito da aprendizagem é reduzir o papel da pedagogia e a didática a conceitos de empirismo e pragmatismo que hoje resultam inaceitáveis.

Um aspecto epistemológico fundamental da didática

consiste em precisar a existência de seu objeto de estudo. O processo educativo escolar que de forma sistêmica se ocupa da formação das novas gerações é o processo docente-educativo, como objeto que se conforma a partir da sistematização do conjunto de elementos presentes no mesmo, para garantir a consecução do encargo social da escola, traduzido na necessidade que tem a sociedade de preparar os seus cidadãos. Ou seja, ante esse encargo social, surge o objeto que denominamos de processo docente-educativo.

No conceito de processo docente-educativo, incluímos o conceito de ensino-aprendizagem, embora aceitemos que o primeiro seja mais específico das instituições escolares. Acontece que, como já fora dito, outras instituições sociais não escolares, com um propósito educativo, desenvolvem também processos de ensino-aprendizagem com um caráter mais espontâneo, não fundamentado em concepções teóricas da didática, e também não necessariamente desenvolvidos por pessoas especializadas como são os professores.

Neste ponto da análise, gostaríamos de explicitar que nossa intenção, ao introduzir neste trabalho o conceito de processo docente-educativo é promover um intercâmbio científico, expor experiências e pontos de vista diferentes, para refletir e aprofundar nas questões da didática. Este conceito, em nossa opinião, poderia ser motivo de uma análise interessante para as abordagens atuais da didática, e para tais propósitos, o consideramos um ponto de partida para refletir sobre seu significado no contexto da educação escolar. Uma definição de processo docente-educativo é a seguinte:

«... processo que, como resultado das relações sociais que acontecem entre os sujeitos que nele intervém, está encaminhado de modo sistêmico e eficiente, mediante a apropriação da cultura acumulada pela humanidade, através da participação ativa e consciente dos alunos, planejada no tempo e observando certas estruturas de organização, com

a ajuda de certos objetos, cujo movimento está determinado pelas relações causais entre estes componentes e destes com a sociedade e constitui a manifestação das leis da didática que expressam a essência do processo docente-educativo». (ZAYAS, 1999).

Implícitos nesta definição estão os componentes do processo, aqueles que são considerados pessoais: professor e aluno; e os considerados não-pessoais: objetivo, conteúdo, método, recursos, formas e avaliação. Estes aparecem como categorias essenciais do núcleo teórico da didática, permitindo explicar como o processo docente-educativo acontece através das relações específicas internas entre todos seus componentes e entre este e a sociedade.

Estas relações refletem a essência da escola e do modelo pedagógico de uma instituição educativa, ou seja, partir do encargo social da instituição (relação escola sociedade) e da relação entre os componentes e categorias do processo docente-educativo é fundamental para construir seu projeto educativo institucional.

O processo docente-educativo contém sempre uma atividade de ensino-aprendizagem, que transcende suas fronteiras como processo pedagógico mesmo. Este deve se adequar aos novos paradigmas do que hoje se entende por ensino e aprendizagem escolar nas atuais condições e exigências sociais, prevalecendo a idéia de que na escola há de ensinar-se como transformar a informação, adquirindo métodos de auto-formação, através de uma aprendizagem significativa para o estudante.

Analise as certas relações de caráter essencial que orientam o processo docente-educativo e ajudam na delimitação dos modelos pedagógicos institucionais, se realmente atendemos às atuais exigências sociais (ZAYAS, 1999):

- **A relação da escola com a sociedade.** A escola se desenvolve num contexto social que lhe dá

uma missão, um encargo social: a formação de um cidadão preparado e útil para o desenvolvimento humano e social.

- **As interações que se estabelecem entre os componentes do processo.** Os componentes refletem a estrutura do processo, e suas relações ou interações manifestam sua dinâmica ou comportamento. É preciso compreender o significado que têm estas relações em todos os níveis da estrutura do processo, desde o planejamento curricular e estendê-las até cada uma das atividades que se realizam na escola, tanto no plano curricular como extracurricular.

Aplicando os enfoques sistêmico e holístico, estas relações, que constituem origem e essência do processo, permitem caracterizá-lo como um todo, acontecendo que em separado perdem seu significado. Estas relações, além disso, tem um caráter dialético e cada componente contém uma dialética entre o objetivo e o subjetivo.

Esta dinâmica permite alcançar um processo de integração de caráter didático, onde as disciplinas realizam suas contribuições ao processo formativo. As diferentes disciplinas devem enfatizar a preparação dos estudantes para a vida através de uma educação onde se apliquem os conhecimentos e habilidades adquiridas nestas disciplinas. Um dos problemas que hoje se apresenta nos distintos níveis de ensino é que os estudantes não ganham consciência da utilidade prática, essa utilidade para a vida das diferentes disciplinas que recebem e isso faz com que seja impossível alcançar uma aprendizagem significativa.

Não existem as disciplinas no currículo apenas para dizer que o aluno recebeu um conteúdo e passou de série, senão para comprovar e dizer o que nessa série o aluno aprendeu na aplicação da disciplina recebida, na problemática que como criança ou jovem deve enfrentar cada dia.

Precisa-se que o resultado da apropriação dos conteúdos pelos alunos, seja uma expressão do que

ele teve uma relação afetiva com o mesmo, a partir do que este foi fundamentado em suas vivências, em seus interesses, aprofundou em seus sentimentos, influenciando decisivamente em sua personalidade, convertendo-se assim num conteúdo valorado, gestor de nova cultura, de novo conteúdo. Isto incide obrigatoriamente na formação de valores, expressos em atitudes, sentimentos e convicções, com o que podemos falar do educativo no processo docente. Assim, acontece uma relação obrigatória entre a instrução e a educação, propiciada pelos professores e estudantes em seu interagir.

Não é possível dizer que vamos formar valores de solidariedade apenas falando sobre os valores solidários, se educa dentro da instrução e principalmente com o exemplo dos professores através da sua conduta dentro e fora da escola.

A formação de valores é tratada por alguns autores sob o conceito de transversalidade, em nossa opinião, esta constitui a via através da qual poderemos potencializar o papel da formação de valores nos enfoques curriculares e o que pode projetar-se inclusive fora destes.

Para alcançar as relações entre os níveis horizontal e vertical partindo do planejamento curricular, e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem escolar, é preciso basear-se nas relações interdisciplinares dos distintos níveis. As matérias com este enfoque não devem ver-se como entes independentes, senão colocadas num contexto geral, agrupadas em disciplinas do saber, em relação com outras que ajudam a garantir o enfoque transversal dentro do currículo.

Podemos nos propor muitas mudanças, provavelmente já estão acontecendo, porém estas questões devem refletir na forma como conduzimos a aprendizagem dos estudantes, só assim qualquer um modelo pedagógico poderá funcionar adequadamente. É preciso uma integração entre disciplinas, onde o estudante sinta que todas, em seu

conjunto são significativas para ele poder enfrentar o seu cotidiano de vida, é assim que se poderá estabelecer uma relação afetiva com o conteúdo, mas isso depende muito da atitude e das habilidades e competências profissionais do professor.

O papel do professor é chave em qualquer projeto educativo. O fundamento didático destes projetos, partindo das relações essenciais que temos mencionado anteriormente, consolida o papel do que é reconhecido como conteúdo adquirido sobre o princípio significativo no processo de aprendizagem. Para converter-se em gestor de uma nova cultura, o conteúdo deve passar pelas vivências, agrados, interesses, motivações e sentimentos daqueles que aprendem. O professor deve encontrar as vias mais idôneas para isto, o que fica implícito nas habilidades pedagógicas de que se precisa para encontrá-las.

A assimilação consciente e eficiente dos conhecimentos se alcança através do domínio das habilidades que conformam capacidades y competências. Assimilar de forma consciente os conhecimentos implica dominar uma ou várias habilidades, ou seja, saber fazer, porém essa assimilação de conhecimentos tem de passar através da motivação que adquira o aluno nesse processo de aprendizagem, isto supõe um desenvolvimento adequado do processo de comunicação, onde o afetivo tem um caráter fundamental.

Também não é conveniente, nem lógico, pensar de forma absoluta em que só estudando e dominando a didática resolvemos todos os problemas do processo ensino-aprendizagem. Um professor só pode cumprir adequadamente suas funções, educar e ser exemplo num processo docente-educativo se domina a lógica de sua ciência, conhecendo profundamente o objeto de estudo científico da sua disciplina, as invariâncias dos conhecimentos e habilidades básicas desta. É a partir daqui que aparece a possibilidade de facilitar a aprendizagem, para desenvolver eficientemente este processo pedagógico.

Sem conhecimento da ciência que aborda sua disciplina não é possível. Não se pode ensinar algo quando realmente não se conhece. Ninguém pode dar o que não tem.

A avaliação é outro dos componentes básicos ou categorias didáticas do processo docente-educativo. Seu objetivo essencial não é medir, através das provas ou exames as habilidades dos estudantes para passar de série, é medir e avaliar os resultados parciais ou finais do processo de formação em função dos conteúdos suficientemente assimilados por eles.

Tem sido demonstrado que quando os professores não aplicam a avaliação num sentido de comprovar como os resultados se correspondem com os objetivos gerais e específicos do processo de formação dos alunos, acontece que, de forma consciente ou inconsciente, o estudante se prepara durante o curso apenas para passar no exame, mais que para integrar seus conhecimentos e aplicá-los.

Um professor que acredita que é capaz de avaliar os conteúdos assimilados pelos estudantes só através de exames teóricos desconhece o verdadeiro sentido da avaliação. Hoje a avaliação deve ser tanto mais qualitativa que quantitativa por quanto é muito difícil avaliar a formação integral da personalidade, utilizando uma escala numérica sob um enfoque absolutamente quantitativo. Como fora dito, esta não pode ser a escola que permite desenvolver um bom sentido da autocrítica e da avaliação objetiva de méritos e conhecimentos que, se supõe, são as metas mais nobres do processo educativo.

A avaliação não é só a determinação do grau de aproximação dos resultados, em termos dos conhecimentos e habilidades alcançados pelos alunos em relação aos objetivos, deve também e, principalmente, referir-se à valorização crítica e autocrítica da reorganização de seu sistema de valores e conceitos previamente estabelecido. Ou seja, referida ao desenvolvimento de sua lógica, de seu método de trabalho, sua formação em correspondência

com a solução dos problemas de todo tipo que deverá enfrentar na vida. A realização pessoal do estudante é a melhor recompensa para ele mesmo e para o professor.

O objetivo da ação educativa é preparar as pessoas para a vida, para desenvolver-se e contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que vivem, e isso significa muito mais que possuir um acúmulo de conhecimentos de cultura geral, científica e técnica ou ser capaz de desenvolver um sistema de habilidades manuais e intelectuais; significa, sobretudo, ser capaz de adotar uma correta atitude diante da vida, com as melhores convicções humanas, com altos valores éticos, estéticos, morais e os mais puros sentimentos.

O professor é o encarregado de criar o ambiente apropriado para que os alunos trabalhem com satisfação e harmonizem seus objetivos em função das necessidades individuais e sociais. Facilita-se isso quando o professor alcança a condição de líder do grupo estudantil.

Tal e como hoje se reconhecem diferentes estilos da aprendizagem, também o estilo do professor vincula-se às suas capacidades criadoras e às suas formas de interação com os estudantes. A experiência, idade, nível científico e cultural, personalidade, caráter e inteligência do professor influem em seu estilo. Alguns alcançam, assim, com iguais recursos e os mesmos grupos estudantis, resultados significativamente melhores que outros. Seu estilo determina um selo pessoal ao pôr em prática as normas sociais de forma concreta. Esse estilo é o que se identifica com a arte do professor.

As numerosas tentativas de classificação do estilo, em sua maioria partem do estudo dos seguintes fatores: a) a forma em que se relacionam o professor e os estudantes; e b) a autoridade do professor e como ele a exerce.

Nenhum estilo é bom ou mau em si mesmo. Um bom tipo de estilo é aquele que alcança o equilíbrio

necessário e adequado entre uma boa relação professor-aluno e o cumprimento dos objetivos de formação dos estudantes.

A forma, pela qual um professor atua com relação a seus alunos, tem de ajustar-se a exigências e condições contextuais, que demandam um balanço adequado entre objetivos, princípios, funções, técnicas e métodos. Um balanço pode ser acertado em uma situação e para um grupo de estudantes determinado e, para outros diferentes, pode não ser o melhor. Quando o balanço não é o requerido para uma situação dada, podem-se apresentar certos riscos negativos como os seguintes:

A autocracia: O professor autocrata dá o saber feito e repete textualmente os conhecimentos aprendidos nos livros, podendo chegar a desenvolver um processo puramente reprodutivo que termina prejudicando a independência cognitiva e a criatividade dos alunos, tendo assim níveis mínimos ou nulos de motivação do grupo. Em muitos casos, a autocracia é mais um reflexo da debilidade do professor que de suas qualidades.

A tecnocracia: Baseia-se na superioridade científica e técnica do professor. É indiscutível que sua superioridade ajude o seu trabalho e tenha um peso importante, mas considerá-la como absolutamente determinante implica em desconhecer outros aspectos como os psicológicos e sociológicos que intervêm também de forma importante no processo. Quando este risco negativo se apresenta, não se levam em conta os aspectos educativos necessários para a formação de valores e sentimentos como riscos mais transcendentais da personalidade do educando.

O paternalismo: O professor se converte em «protetor» do grupo, justifica suas deficiências e tolera «liberdades» no processo educativo, apostando assim no aumento de sua influência, a qual é quase inatingível. Às vezes alcança efetivamente alguma resposta positiva do grupo de estudantes, mas não é precisamente essa a motivação de que se

necessita, sobretudo quando o paternalismo do «professor» afeta sensivelmente a preparação das novas gerações para a vida.

O democratismo: É uma aplicação desbalanceada da democracia. O professor subordina constantemente suas decisões ao critério da maioria do grupo, desconhecendo os objetivos gerais e específicos que refletem a necessidade de formação integral da personalidade de seus alunos. Nos níveis em que o estudante não é, todavia, totalmente consciente da necessidade e importância de sua educação, este estilo negativo pode induzir o aluno a um facciosismo muito perigoso em sua formação.

O teoricismo: Estabelece como absoluto o aspecto teórico e metodológico dos conteúdos da disciplina que ministra e das Ciências da Educação, sem atender às reais exigências sociais, condições e características do contexto próprio em que se desenvolve o processo educativo. Manifesta-se uma desvinculação da teoria com a prática, com a qual a instrução e a educação convertem-se em receitas feitas, que desconhecem as situações e condições concretas, limitam a participação do estudante e constituem um freio dos processos de motivação e criatividade, conduzindo ao dogmatismo no ensino.

O *praticismo*. Exacerbação do papel da prática e da experiência pessoal dentro da atividade docente educativa. Tem como característica que sobrepõe a espontaneidade à base teórica e metodológica da ciência que se aborda como conteúdo, assim como das Ciências da Educação que explicam o processo docente educativo. Pode conduzir tanto à ousadia ilimitada como ao conformismo e, o que é pior, pode desenvolver nos estudantes um sentimento de frustração, como resultado de sua impossibilidade de compreender essencialmente certos feitos, fenômenos e processos que ocupam sua atenção, levando-os a se aborrecer, tanto em relação ao conteúdo quanto ao professor.

O estilo ideal é aquele que permite situar o professor

como LÍDER do grupo estudantil, sendo a liderança uma manifestação de sua autoridade moral com respeito a seus estudantes. A autoridade formal está dada por sua designação oficial, a autoridade moral resulta da capacidade pessoal para tê-la e do reconhecimento que o coletivo estudantil faça dela. A que mais influi na criação da condição de liderança é a moral. Os estudantes podem exercer uma considerável pressão, outorgando ou retirando seu apoio ao professor e isso, sem dúvida, vai determinar a conduta deste último. Isso explica porque um professor pode ter sucesso como líder com um grupo de estudantes e fracassar com outro.

Em conseqüência, a autoridade do professor tem de ser entendida como uma energia básica, como a autoridade moral necessária para promover e desenvolver a ação educativa, que permita traduzir as intenções e finalidades do processo docente educativo em realidades concretas que melhorem e enalteçam a existência e natureza humana. Essa energia básica, assim considerada, se transmite pelos professores a seus estudantes, e facilita, por sua vez, a transformação destes últimos em líderes e sua conversão em autênticos agentes de mudança.

Um aspecto fundamental da personalidade do líder é a capacidade para comunicar idéias e entusiasmo, para convencer e influenciar os estudantes, alcançando a ação educativa, o compromisso e a participação efetiva dos mesmos. O professor-líder infunde confiança e acredita na capacidade dos estudantes; a confiança gera responsabilidade, promove a participação e desenvolve a criatividade.

A qualidade da ação educativa está na qualidade do Ser. O autêntico professor-líder tem de ser exemplo, demonstrar capacidade de auto-avaliação, de reconhecimento de suas possibilidades e limitações, seus acertos e equívocos para melhorar a estima de si mesmo e dos demais. O professor-líder projeta segurança, confiança e energia positiva em seus alunos e consegue compartilhar sua satisfação, enriquecer-se e desfrutar seus resulta-

dos, assumi-los como colaboradores, melhorando assim o trabalho educativo e a cultura do grupo. Os autênticos professores-líderes são inovadores e capazes de antecipar o futuro. Compreendem que: olhar o futuro sem atuar é apenas sonhar, e atuar sem visão de futuro não tem sentido.

A liderança não é algo impossível de ser alcançada pelo professor. A psicologia social explica que a capacidade de liderança está formada por um conjunto de habilidades de conduta que a maioria das pessoas pode aprender.

CONCLUSÕES

Não consideramos como definitivos os argumentos com os quais pretendemos encerrar este artigo, não poderia ser de outra maneira, quando nós mesmos aceitamos a necessidade de continuar aprofundando na prática, como via de comprovação e enriquecimento das teorias que estimulam o debate das polémicas situações que hoje envolvem esta temática.

Nas escolas, o «produto final», como resultado do seu processo de formação, não é uma «mercadoria» que possa ser considerada no «mercado de força de trabalho», simplesmente por seu «valor de uso». É, antes de tudo, um processo de transformação humana mediante a instrução e a educação na ação que transcorre entre o professor e os estudantes, na qual, essencialmente, o primeiro ensina a aprender e o segundo aprende a aprender.

Hoje não concebemos professores como simples repetidores de textos aprendidos nos livros; o ensino puramente reprodutivo é obsoleto e prejudica a independência cognitiva e a criatividade dos alunos, impede sua motivação e não contribui para uma aprendizagem significativa. Hoje tem de se ensinar para que se possa interpretar a informação, ou seja, para passar de um processo docente baseado no informativo ou reprodutivo a outro que se pautar na interpretação de alunos e professores com um caráter produtivo e criativo dos conteúdos rece-

bidos. Para alcançar isto, necessitamos de um professor que tenha certas qualidades básicas:

- Preparado e atualizado em sua ciência, ou seja, em sua especificidade do saber.
- Ser um investigador. Às vezes os professores acreditam que se sua docência é de pré-escola ou ensino fundamental, não tem de investigar, quando realmente a investigação deve caracterizar um docente de qualquer nível de ensino.
- Deve possuir uma cultura geral, ou seja, integral.
- Possuir uma formação razoável do ponto de vista da Pedagogia, da Didática e das outras Ciências da Educação.
- Ser um educador exemplar, em qualquer lugar, honrado, honesto, consagrado, ético em sua profissão e com boas relações humanas.

Poderíamos dizer que tais qualidades formam parte do professor ideal que, por regra, hoje vai se convertendo de professor tradicional em líder ou condutor de grupos.

Na atualidade, é muito importante para o professor sua disposição para a mudança, desde uma perspectiva do desenvolvimento educacional, porque seu trabalho, segundo as tendências pedagógicas mais avançadas, deve realizar-se para ser mais eficiente e eficaz, a partir de uma posição de liderança frente a seus alunos.

Existem muitas problemáticas que são hoje temas de debate mundial sobre o pedagógico, além disso, o papel do professor continua se aprofundando, ainda que existam sistemas educativos que se desenvolvem quase sem a presença dos professores, tais como aqueles baseados no uso da multimídia, hipertextos e realidade virtual, aplicados à docência. No meio de um processo em que o ensino e aprendizagem adquiram uma conotação diferente, ante o desenvolvimento científico e tecnológico, o papel do professor segue reafirmando-o como condutor ou guia principal deste processo.

LITERATURA CITADA

- Aguilera, L. O.** 2005. *Epistemología de la educación superior*. Barranquilla: Editorial Uniautónoma.
- Bellocchio, M.** 2006. *¿Qué significa competencias cuando hablamos de «Curriculum basado en competencias»?* Conferencia Magistral impartida en la Facultad de Arquitectura, UANL. Monterrey, Nuevo León, México, marzo de 2006.
- Freire, P.** 2001. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 17ª Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A.
- Hall, S.** 2000. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomas T. da Silva e Guacira Lopes Louro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Iñigo, E. Sosa, A. M.** 2003. Emergencia y actualidad de las competencias profesionales: Apuntes para su análisis. *RCES*. XXIII: 53-79.
- Leal-Barros R.** 2006. Competencias y habilidades pedagógicas. *RIE/OEI*. [fecha de acceso mayo 20 de 2007]. Disponible en: www.campus-oei.org/revista
- Libaneo, J. C.** 2000. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez Editora.
- Martí, J.** 1975. *Obras completas*. Ciudad Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- Martín-Barbero, J.** 2003. Saberes hoy: Diseminaciones, competencias y transversalidades. *RIE/OEI*. 32: 17-34.
- Mérida, S. R.** 2007. El practicum y la formación en competencias del maestro de educación infantil en España. *RIE/OEI* 42: 7-25 [fecha de acceso junio 16 de 2007]. Disponible en: www.campus-oei.org/revista
- Renau, E.** 2008. *El profesorado a examen*. Boletín N° 252 de Educaweb.com de 4 de febrero de 2008. [fecha de acceso febrero 3 de 2008]. Disponible en: www.educaweb.com
- Ruiz-Calleja, J. M.** 2004. *Dirección y gestión educativa*. Serie Formación. Colección Autores. Medellín: Editorial ESUMER.
- Ruiz-Calleja, J. M.** 2004. Os professores diante os desafios do Terceiro Milênio. *FAED. Universidade de Mato Grosso*: 132-52.
- Ruiz-Calleja, J. M.** 2006. *El estudio-trabajo como principio pedagógico en la formación de profesionales*. Memorias del XI Congreso Nacional de Pedagogía de México, Colima, Col. 18, 19 y 20 de octubre de 2006, México.
- Ruiz-Calleja, J. M.** 2007. *Una aproximación al tema de las competencias profesionales y la formación pedagógica*. Primer Ciclo de Conferencias Magistrales: El desarrollo de competencias en la formación inicial: Mejoramiento de la práctica docente. Instituto

- Superior de Educación Normal del Estado de Colima, México.
- Vorraber, C. M.** 2000. *Escola básica na virada do século*. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora.
- Zabala, A.** (1998). *A prática educativa, como ensinar*. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Art Med.
- Zayas, C. A. D.** 1999. *La Escuela en la vida*. 3ª ed. Ciudad Habana: Editorial Pueblo y Educación.
- Zayas, C. A. D.** 1998. *Pedagogía como ciencia o epistemología de la educación*. La Habana: Editorial Félix Varela.